

ESPAÇOS ABERTOS JUNTO A EDIFICAÇÕES DE INSTITUIÇÕES PARA IDOSOS: UM ESTUDO PARA A REALIDADE DE PORTO ALEGRE -RS

Sérgio Luiz V. Tomasini, Eng. Agr., Mestrando (1)

Beatriz Fedrizzi, Eng. Agr., PhD (2)

Nádia Andréia Hilgert, bolsista de iniciação tecnológica industrial CNPq(3)

Patrícia Fernanda Voltolini, bolsista de iniciação científica PIBIC/CNPq (4)

Núcleo Orientado para a Inovação da Edificação - NORIE / UFRGS

Av. Osvaldo Aranha, 99 - 3º andar, CEP 90035-190 - Porto Alegre -RS

Tel.: (51) 316 3353; Fax: (51) 316 4054;

(1) sergiovtomasini@yahoo.com.br (2) beatrizfedrizzi@uol.com.br (3) nhilgert@vortex.ufrgs.br

(4) pvolt@bol.com.br

RESUMO

Embora se defenda atualmente a idéia de um envelhecimento mais saudável e independente, as instituições asilares permanecem presentes para a realidade brasileira e, muitas vezes, constituem a única alternativa de moradia para uma parcela considerável da população de idosos. A qualidade de vida nestas instituições depende significativamente dos ambientes físicos que oferecem, tendo em vista que os idosos permanecem aí a maior parte do tempo. O desempenho destes ambientes está, entre outros fatores, associado aos espaços abertos existentes junto às edificações, seja por sua ação benéfica direta sobre o bem estar de seus usuários, seja pela possibilidade de interagirem com as edificações, melhorando o conforto no interior das mesmas. O objetivo deste trabalho foi estudar as condições dos espaços abertos de instituições destinadas a idosos com baixo poder aquisitivo, localizadas no município de Porto Alegre-RS. Estudou-se uma amostra composta por 12 instituições de diferentes portes e distribuídas em diferentes regiões do município. Constatou-se a ausência de planejamento dos espaços abertos para todas as instituições visitadas e, de forma geral, uma qualidade muito baixa dos mesmos. Algumas instituições apresentaram espaços demasiadamente limitados e outras, embora com uma boa disponibilidade de áreas externas, apresentaram poucas possibilidades de utilização destes locais pelos idosos.

PALAVRAS-CHAVE

instituições para idosos; espaços abertos

1. INTRODUÇÃO

O rápido crescimento da população de idosos é hoje uma realidade no Brasil, o que vem despertando um interesse crescente da sociedade a cerca da qualidade de vida desta faixa da população. De acordo com informações do IBGE (apud HEREDIA, 1999), em 1960, em termos percentuais, os idosos (acima de 60 anos) constituíam 4,7% do total da população, em 1990, 7,30% e, para o ano 2020, este número deverá subir para 13,6%. Por outro lado, a população com idade abaixo de 15 anos caiu de 43,0% em 1960 para 34,7% em 1990, projetando-se a continuação desta redução para 21,4% em 2020.

Esta marcante alteração na estrutura etária brasileira tem sido uma das principais causas da onda de interesse sobre o idoso verificada a partir dos anos 90. As preocupações com a qualidade de vida desta faixa da população têm gerado uma nova imagem social sobre o idoso e o processo de envelhecimento. A imagem do velho como um segmento etário que necessitava de compaixão e amparo da sociedade, vigente no início do século XX e que estava profundamente vinculada à imagem das instituições asilares, passa então por uma radical transformação. O termo "velhice" é substituído por "terceira idade" e os "velhos" passam a ser chamados de "idosos". Diferentemente da "velhice", a "terceira idade" é caracterizada por uma fase da vida em que as pessoas aproveitariam intensamente o seu tempo, na busca de realizações pessoais. O lazer, os cuidados com o corpo e a saúde, a ampliação do círculo social e até mesmo o exercício da sexualidade parecem estar presentes nessas novas representações sociais do envelhecimento (GROISMAN, 1999).

Para GROISMAN (1999), no entanto, ao privilegiar de forma exagerada a imagem dos "heróis do envelhecimento" ou "jovens da terceira idade" a mídia tem sido uma das causas da atual invisibilidade das instituições asilares, visto que os idosos institucionalizados dificilmente se encaixam nas imagens da terceira idade. DEBERT (1997 apud GROISMAN, 1999) chama a atenção para o fato de que "o envelhecimento bem sucedido e inovador não pode fechar espaço para a velhice abandonada e dependente, nem transformá-la em consequência do descuido pessoal".

As condições de vida de idosos que recorrem ao auxílio de instituições asilares são em geral precárias; dentre elas, são comuns o abandono da família, limitações físicas e mentais e a falta de recursos econômicos para arcar com os custos do envelhecimento. As instituições que recebem estas pessoas, principalmente aquelas que vivem de recursos oriundos do auxílio da comunidade e que acolhem a parcela mais carente desta população, não raramente passam por muitas dificuldades para conseguirem se manter em funcionamento. Estas dificuldades se refletem em vários aspectos do ambiente institucional, dentre eles a qualidade das instalações físicas oferecidas aos residentes. A situação de confinamento, ou seja, a restrição da liberdade de ir e vir, vigente em um asilo, seja pelas limitações dos idosos, seja por questões de segurança, confere aos ambientes físicos desses locais uma grande parcela da responsabilidade no que diz respeito à qualidade de vida das pessoas que ali vivem.

Dentre as condições das instalações físicas destas instituições, este trabalho preocupa-se com a presença e a qualidade dos espaços abertos existentes. Os espaços abertos, quando convenientemente tratados, podem conjugar uma série de características importantes para a sensação de bem-estar e mesmo para a saúde dos idosos.

Além dos efeitos diretos que os espaços abertos podem exercer sobre a saúde dos idosos, ao proporcionar locais onde eles possam tomar sol, respirar ar fresco e se exercitar, outros importantes benefícios podem ser mencionados.

Para STONEHAM & THODAY (1994), espaços abertos bem projetados podem contribuir para uma melhor qualidade de vida dos idosos ao aumentar as oportunidades de atividades e interesses, ampliando os horizontes sociais e reduzindo sentimentos de isolamento para com o mundo exterior. Sentar-se em um banco ao ar livre ou caminhar através dos espaços externos pode proporcionar o contato com plantas e uma oportunidade para coletar materiais para *hobbies* como o preparo de arranjo de flores ou o preparo de alimentos. O jardim pode também ser importante ao proporcionar locais adicionais de privacidade em relação à casa. Isto define um território pessoal e proporciona interesse e motivos para aguardar com satisfação o passar do tempo e pode ser ainda um válido recurso para fugir do mundo interior organizado. Por outro lado, um *design* pobre dos espaços abertos pode agravar e intensificar problemas de isolamento, solidão, perda de capacidade e redução da imagem pessoal.

Atividades que envolvem o contato com as plantas e com o solo são possibilidades oferecidas pelo acesso a espaços abertos que parecem exercer um efeito terapêutico sobre as pessoas. KAPLAN (1973 apud FEDRIZZI, 1998), demonstrou através de suas pesquisas que as atividades de jardinagem e horticultura produzem uma grande satisfação e tranquilidade no ser humano. Observaram, ainda, que o ser humano demonstra grande prazer em cultivar seu próprio alimento, em dividir a colheita com outras pessoas, em trocar informações sobre o assunto e observar o crescimento das plantas. A grande satisfação dessas atividades estaria ligada ao solo, ao verde, às flores e hortaliças, às árvores e ao local. Identificou, também, que pessoas que perdem o controle das suas vidas, quando se dedicam a essas atividades, de alguma forma, em maior ou menor grau, recuperam o controle.

Um estudo realizado por KÜLLER et al. (1990) demonstrou claramente relações positivas de indivíduos da terceira idade com os espaços abertos. Estudando idosos residentes na Suécia e na Turquia, estes pesquisadores constataram que os idosos de ambos países que dedicavam mais horas de suas vidas a atividades ao ar livre, ou simplesmente a "tomar sol", expondo-se diretamente à luz do dia, tinham melhor qualidade de vida. Estes necessitavam ir menos vezes ao médico, apresentavam melhor saúde, melhores níveis hormonais e melhor qualidade de sono. Os indivíduos pesquisados que passavam mais horas do dia expostos ao ar livre e luz natural ainda se mantinham mais alertas, mais tranquilos, com melhor senso de orientação e com menor ocorrência de estados de depressão. A pesquisa revelou, ainda, que os idosos suecos, em geral, estão satisfeitos com a quantidade de vegetação em seus ambientes externos, o que pode ser explicado pelo excelente nível dos ambientes externos na Suécia. Na Turquia, no entanto, a falta de vegetação faz com que as pessoas passem menos tempo nos ambientes externos.

Pode-se citar ainda os benefícios que os espaços abertos podem trazer ao estabelecer interações positivas com as edificações disponíveis no ambiente das instituições asilares. Estas interações refletem-se, em última análise, na sensação de conforto dentro das edificações e estão relacionadas, principalmente, com os benefícios térmicos da presença de vegetação nestes locais.

O *design* de edificações para idosos tem evoluído consideravelmente no sentido de atender as necessidades específicas de usuários da terceira idade. Infelizmente o mesmo não tem ocorrido com os espaços abertos que raramente recebem atenção, limitando a preocupação com as necessidades dos residentes às paredes das edificações (STONEHAM & THODAY, 1994). No Brasil, a portaria N° 810 do Ministério da Saúde, de 1989, representou um grande avanço ao fazer uma série de exigências relacionadas a segurança e acessibilidade das edificações destinadas ao funcionamento de casas de repouso, clínicas geriátricas e outras instituições de atendimento ao idoso. Embora os espaços abertos sejam mencionados por esta

portaria, nenhuma especificação é feita em relação à qualidade e às formas de utilização desses espaços.

Este trabalho integra uma dissertação de mestrado destinada a produzir informações capazes de orientar o planejamento de espaços abertos junto a instituições para idosos. Seu objetivo foi estudar a realidade dos espaços abertos existentes junto às instituições que atendem a parcela de idosos de menor poder aquisitivo no município de Porto Alegre. Foi desenvolvida basicamente através de um levantamento das características físicas dos espaços abertos de uma série de instituições, cuja metodologia e resultados serão descritos a seguir.

2. METODOLOGIA

O presente trabalho envolveu a realização de levantamentos em uma amostra composta por 12 instituições para idosos localizadas no município de Porto Alegre.

Foram utilizados como critérios para a composição da amostra os seguintes fatores: o valor cobrado como mensalidade pelas instituições, o porte da instituição e a localização. Estes dados foram obtidos a partir do trabalho de MELLO et al (2.000), o qual identificou todas as instituições que trabalham com idosos atualmente em Porto Alegre e levantou diversas informações sobre as mesmas.

O valor de mensalidade foi utilizado como o primeiro critério, tendo em vista que o objetivo inicial da pesquisa era trabalhar com a parcela mais carente da população de idosos. Cabe salientar que todas as instituições que atuam em Porto Alegre são particulares e, portanto, cobram algum valor de mensalidade de seus residentes. Portanto, para a composição da amostra foram consideradas apenas as instituições situadas abaixo do valor limite de mensalidade de 3 salários mínimos. A aplicação deste critério resultou numa população de 23 instituições da qual trabalhou-se com 50 %, resultando numa amostra de 12 instituições. A eleição destas 12 instituições não foi realizada por simples sorteio a partir da população total de estudo e sim a partir da aplicação dos critérios porte e localização a fim de se obter uma amostra mais significativa para os objetivos do estudo.

O porte das instituições foi considerado a fim de verificar a existência de possíveis variações no tamanho dos espaços abertos em função do número de leitos disponíveis em cada instituição. A classificação das instituições quanto ao porte seguiu o modelo proposto pelo CONSELHO REGIONAL DE ENFERMAGEM (2000), que classifica as instituições em: pequeno porte (até 20 leitos), médio porte (de 21 a 40 leitos), grande porte (de 41 a 60 leitos) e porte especial (acima de 60 leitos).

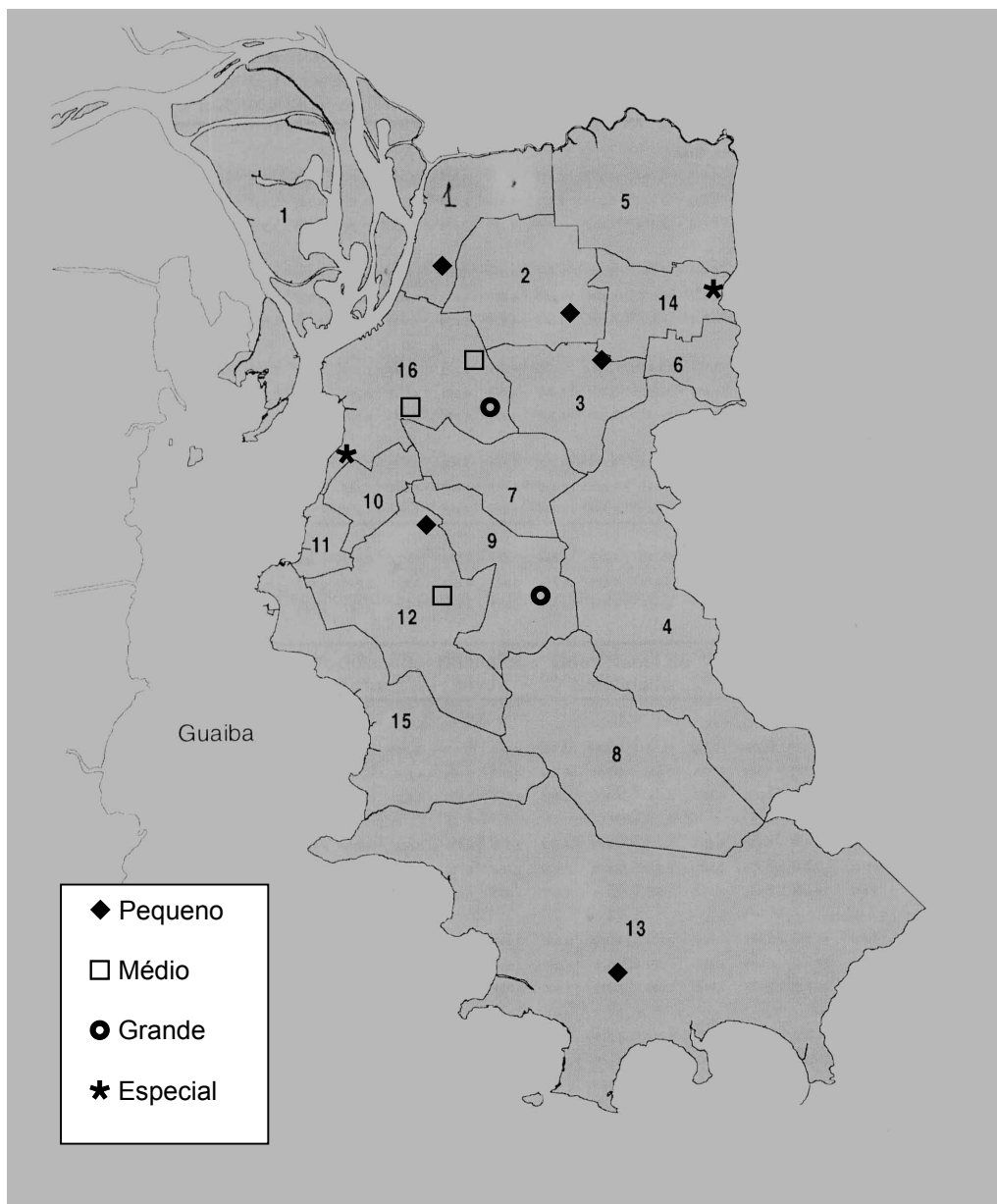
Considerou-se, ainda, a localização de cada instituição de acordo com diferentes regiões do município a fim de se obter uma amostra mais significativa no sentido de detectar diferenças no tamanho dos espaços abertos em função desta variável.

O cruzamento destas informações resultou numa amostra distribuída em 9 diferentes regiões do município, assim composta (Figura 1): 5 instituições de pequeno porte, 3 instituições de médio porte, 2 instituições de grande porte e 2 instituições de porte especial.

Os levantamentos foram realizados através de visitas aos locais e consistiram de medições das áreas externas, da descrição e caracterização de seus elementos (acessos, caminhos, tipos de piso, equipamentos, vegetação, etc.), bem como do registro fotográfico das áreas. Tomando-se por base estes dados, foram elaboradas as plantas baixas de cada uma das áreas visitadas,

as quais, juntamente com os registros fotográficos, foram utilizadas como suporte às discussões que serão apresentadas a seguir.

Figura 1: Distribuição da amostra para diferentes regiões de Porto Alegre *



* Regiões orçamentárias: R1-Humaitá/Navegantes/Ilhas; R2-Noroeste; R3-Leste; R4-Lomba do Pinheiro; R5-Norte; R6-Nordeste; R7-Partenon; R8-Restinga; R9-Glória; R10-Cruzeiro; R11-Cristal; R12- Centro Sul; R13-Extremo Sul; R14-Eixo Baltazar; R15-Sul; R16- Centro.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os espaços abertos das instituições apresentaram-se bastante heterogêneos quanto ao tamanho das áreas disponíveis. Por outro lado, para todos os locais visitados ficou evidente a falta de planejamento das áreas externas e a conseqüente limitação das possibilidades de utilização destes espaços pelos idosos.

3.1. Tamanho

Observou-se, como era esperado, a influência da localização da instituição sobre o tamanho dos espaços abertos, ficando evidente a ocorrência das maiores áreas para as instituições localizadas nas regiões mais distantes do centro da cidade e de menor densidade urbana. No entanto, a influência do porte da instituição revelou-se menor do que se imaginava no início do estudo. Conforme demonstrado na Tabela 1, verificou-se contrastes extremamente marcantes no tamanho dos espaços abertos e, conseqüentemente na relação área externa/nº de leitos, para instituições pertencentes a um mesmo porte. Os maiores contrastes foram observados dentro dos grupos de pequeno e médio porte, onde puderam ser verificadas as maiores e as menores relações de área externa por número de leito.

Tabela 1: Tamanho de espaços abertos em instituições para idosos

Porte	Instituição	Nº de leitos	área externa total (m ²)	área externa(m2)/nº de leitos	Região de Porto Alegre*
Pequeno	P1	15	3470	231,3	R2
	P2	09	324	36,0	R13
	P3	15	36	2,4	R1
	P4	20	188	9,4	R3
	P5	13	69	5,3	R12
Médio	M1	24	103	4,3	R16
	M2	23	211	9,2	R16
	M3	22	5.455	247,9	R12
Grande	G1	42	763	18,2	R16
	G2	57	10.726	188,2	R9
Especial	E1	160	9.968	62,3	R16
	E2	83	4.658	56,12	R14

* Ver identificação e localização das regiões junto à Figura 1.

3.2. Planejamento e utilização

Observou-se que nenhum dos espaços foi executado a partir de um planejamento prévio, muito menos voltado ao atendimento das necessidades específicas dos idosos. Em decorrência disso, diversas deficiências puderam ser verificados quanto às questões funcionais, quanto às possibilidades de utilização pelos idosos e quanto ao aspecto visual dos espaços abertos existentes nas instituições.

Embora algumas instituições apresentem áreas externas demasiadamente limitadas, o maior problema parece ser a forma como estes espaços são organizados e utilizados. Neste sentido, verificou-se ser bastante comum a priorização da utilização das áreas externas para suprir as necessidades de serviços de rotina das instituições, principalmente a secagem de roupas de cama. Esta demanda por espaço, própria de instituições desta natureza, freqüentemente torna indisponíveis para os idosos as porções mais nobres dos pátios: os locais ensolarados. As situações mais críticas neste sentido, foram observadas naquelas instituições em que o espaço externo é mais restrito, nas quais as áreas ensolaradas são quase totalmente ocupadas por varais de roupas, impedindo o acesso dos idosos (Figura 2).



Figura 2: Instituição P4 – prioridade de utilização dos espaços externos para serviços

Mesmo em instituições que apresentaram pátios bastante amplos, não parece haver uma preocupação em disponibilizar espaços interessantes que estimulem a utilização pelos idosos. Pelo contrário, nestes locais, os espaços estão organizados e apoiados por infraestrutura adequada às necessidades dos funcionários e dos visitantes e não dos idosos. Assim, por exemplo, verificam-se caminhos pavimentados e protegidos da chuva nas rotas de serviço e amplos estacionamentos muitas vezes localizados em posições nobres do lote (com frequência na frente do mesmo, como pode ser observado na Figura 3). Por outro lado, pouca ou nenhuma infra-estrutura de apoio ao lazer é oferecida aos idosos, tornando as áreas externas pouco atrativas e muito pouco utilizadas pelos idosos. Estas observações concordam com a experiência relatada por SOMMER (1973) que, ao estudar uma enfermaria para senhoras idosas no Canadá, constatou que o ambiente da instituição era organizado para satisfazer as necessidades dos funcionários e familiares, enquanto as pacientes eram simplesmente “organizadas pelo ambiente”. De acordo com este mesmo autor, o planejamento adequado é necessário principalmente em locais onde as pessoas são extraordinariamente passivas ou dependentes. Estas pessoas dificilmente tomarão a iniciativa de arrumar ou intervir em seus ambientes a fim de ajustá-los às suas necessidades.



Figura 3: Instituição E2 – estacionamento situado na frente do lote

Outras deficiências verificadas junto aos locais estudados, foram: o isolamento do mundo externo, a falta de locais que propiciem privacidade e dificuldades de acesso ao longo dos espaços abertos.

Geralmente as áreas externas às quais os idosos tem acesso, não permitem o contato visual com a rua, ou com o mundo exterior à instituição, o que é de extrema importância para o idoso institucionalizado de acordo com STONEHAM & THODAY (1994). Esta necessidade ficou evidente em uma das instituições estudadas, onde a garagem, por ser o único local da instituição que apresentava vista para a rua, tornou-se o local preferido dos idosos (Figura 4).



Figura 4: Instituição P3 – vista para rua a partir da garagem



Figura 5: Instituição E1 – rampa de acesso ao pátio

Na maioria dos casos os pátios não apresentam locais onde os idosos possam se isolar em momentos que não desejam o convívio social. De acordo com SOMMER (1973), esta é uma necessidade natural dos seres humanos que deve ser respeitada no planejamento dos espaços. Este autor ressalta ainda que a ausência de privacidade no interior da edificação, comum em instituições para idosos, poderia ser compensada pelas áreas externas, onde as pessoas poderiam encontrar espaços reservados.

Embora tenha se observado serem comuns as preocupações ligadas à acessibilidade e segurança nos acessos às áreas externas a partir das edificações, através de uso de corrimãos, rampas e pisos antiderrapantes, o mesmo não ocorre ao longo dos espaços abertos. Devido às dificuldades de locomoção e aos maiores riscos de quedas a que os idosos frequentemente estão submetidos, os espaços externos também devem oferecer recursos adequados para que os idosos se sintam seguros e estimulados a percorrer e a usufruir destes espaços.

A despeito da baixa qualidade dos espaços abertos, observada de forma geral para o levantamento, algumas soluções interessantes puderam ser encontradas junto a algumas instituições. Em duas instituições que trabalham exclusivamente com senhoras, são disponibilizados junto aos espaços externos tanques para as idosas que desejam lavar suas roupas. Embora ambas instituições disponham de serviços de lavanderia à disposição das senhoras, existe uma preocupação em proporcionar atividade e estimular a independência das idosas (Figura 5). Em outra instituição, verificou-se a presença de um campo de futebol disponível para a comunidade local. O campo de futebol atrai crianças e adultos para dentro da instituição promovendo o contato dos idosos com outras gerações o que certamente contribui para amenizar sentimentos de solidão e isolamento do mundo exterior à instituição (Figura 6).



Figura 5: Instituição G1 – tanques de lavar roupa disponíveis para as senhoras

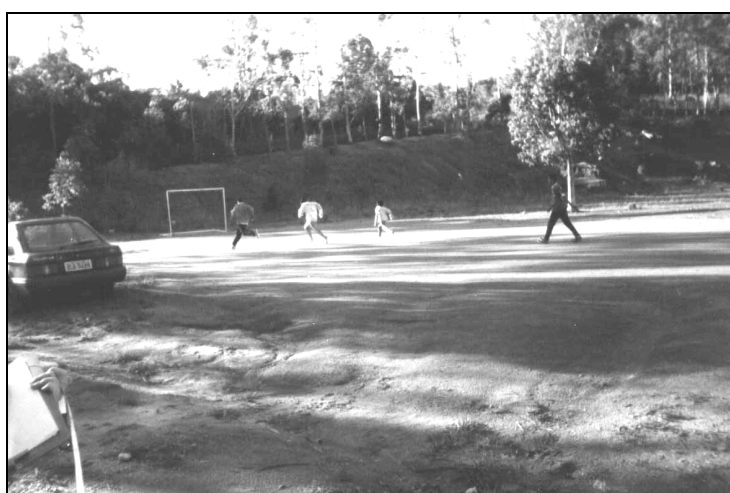


Figura 6: Instituição G2 – campo de futebol como atrativo para a comunidade local

A vegetação é um elemento presente em todos os locais visitados. A ausência de planejamento paisagístico das áreas, no entanto, torna a vegetação pouco atrativa visualmente na maioria dos casos e pouco funcional no sentido de configurar áreas de descanso e contemplação, bem como no sentido de melhorar as condições de conforto térmico das edificações. A possibilidade de os idosos cultivarem plantas nos espaços abertos foi observada em poucas instituições, sem no entanto, contarem com locais específicos, de fácil acesso e adequados às limitações físicas dos idosos.

4. CONCLUSÕES

Observou-se, de forma geral, que não há uma consciência por parte das instituições visitadas da importância e do potencial terapêutico dos espaços externos para os idosos. Esta postura resulta frequentemente no oferecimento de espaços de baixa qualidade, adaptados principalmente as necessidades de serviços das instituições e não às necessidades dos idosos.

Embora se saiba das limitações econômicas enfrentadas principalmente pelas instituições que atendem os idosos de menor poder aquisitivo, os espaços abertos não podem ser negligenciados, dada a importância que os mesmos possuem sobre o bem estar dos idosos institucionalizados. Condições mais adequadas às necessidades dos idosos podem ser obtidas

nestas áreas com soluções bastante simples e baratas através de um planejamento adequado dos espaços e através do incentivo das instituições à utilização dos mesmos pelos idosos.

Por outro lado, as autoridades competentes pela fiscalização de instituições desta natureza necessitam de amparo legal para exigir espaços abertos mais adequados, o que não é proporcionado pela legislação vigente.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CONSELHO REGIONAL DE ENFERMAGEM. Proposta de dimensionamento de pessoal de enfermagem em instituições gerontológicas e geriátricas. PortoAlegre: 2000. Não publicado.

FEDRIZZI, B. Psicologia Ambiental: vegetação e diminuição do estresse. In: PETRY, C. & QUADROS, C., org. *Seminário Regional sobre Paisagismo Urbano*. Passo Fundo: Ediupf, 1998, p. 31-35.

GROISMAN, D. Asilos de velhos: passado e presente. *Cadernos de Envelhecimento*, v.2. Porto Alegre: UFRGS, 1999. p. 67- 87.

HEREDIA, O.C. Características demográficas da terceira idade na América Latina e no Brasil. *Cadernos de Envelhecimento*, v.2. Porto Alegre: UFRGS, 1999. p. 7-21.

KÜLLER, M.; KÜLLER, R.; IMAMOGLU, E.O. & IMAMOGLU, V. Health and outdoor environment for the elderly. In: PAMIR, H., IMAMOGLU, V. & TEYMUR, N. (Eds.) *Culture Space History*. Proceedings of IAPS 11, JULY 8-12, 1990 (vol.3). Ankara: METU Faculty of Architecture Press, 1990 p. 236-245.

MELLO, A.L.S.F.; PADILHA, D.M.P.; ROSA, M.A.C. *Casas geriátricas de Porto Alegre: manual de orientação aos usuários*. Porto Alegre: UFGRS, 2000.

SOMMER, R. *Espaço pessoal: as bases comportamentais de projetos e planejamentos*. São Paulo: EPU, 1973.

STONEHAM, J. & THODAY, P. *Landscape design for elderly and disabled people*. Suffolk: Garden Art Press, 1994.